O GUITARRISTA

Marcusvinicius

Marcusvinicius

O GUITARRISTA

Edição 1

Editora Agbook

2013

Copyright 2013 by Marcusvinicius

MAR Marcusvinicius

Jan O Guitarrista./ Marcusvinicius – Goiânia 2013

ISBN: 978-85-912522-0-6

Literatura Brasileira – romance.

DIREITOS RESERVADOS

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem autorização prévia e por escrito do autor. A violação dos Direitos Autorais (Lei 9619/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Impresso no Brasil

2013

O GUITARRISTA

PREFÁCIO

Até quando a loucura suporta paixões? Um jovem guitarrista vive em busca do sucesso como artista. Para isso, precisa reconhecer que o excesso de sentimentos podem revirar os meandros do espírito. Facilmente, as paixões enterram o brilhantismo de algumas pessoas. Eric precisa vencer os sentimentos que o derrotam. E isso, para alguns, não é uma tarefa fácil.

Vivendo lado a lado com ilusões e virtudes que misturam-se, e muitas vezes, decepcionam o verdadeiro íntimo. Na verdade, para Eric seria melhor afastar-se das paixões contrárias aos desejos da alma. Vivendo, muitas vezes, pressionado entre a contínua virtude e a vontade anulada. Surgindo uma decadência do espírito livre.

Quase sempre, o espírito precisa da liberdade, onde essa liberdade não pode ser encontrada em paixões. Somente uma falta de paixões pode ser considerada numa liberdade para o espírito. Pois os sentidos, que regem o conhecimento do ser para com o mundo, tornam-se mais aguçados quando existe decadência de paixões. A razão torna-se

condutora da boa vida. A razão é parte integrante da boa vida.

Eric, o personagem principal, é dotado de grande virtude para a música. Vive suas aventuras sem conseguir esquecer o passado de uma paixão, a única força que derruba qualquer virtude de um indivíduo. Mesmo assim, ele dá asas para seus sonhos na música. E muitas vezes esses sonhos tornam-se tolos com a verdade do mundo que o rodeia.

A sorte não é muito amiga dos que afastam-se da razão...

PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO I

A alma dedilhada procurava nas infinitas combinações de melodia qual aquela que realmente sopraria os sentimentos tão distantes. Sete tipos de sons que escondem os vícios e as virtudes. O coração em compassos perfeitos, sempre tropeçando num pensamento breve de vida, tão breve quanto uma pausa musical. Do caos, consegue-se produzir sons organizados que deixam os indivíduos encontrarem o limite dos seus sonhos.

O homem não pode ir além da música. É um limite imposto pela criação. Seria inebriante se o homem pudesse voar, ficar invisível ou, até mesmo, ser imortal. Mas tudo isso é impossível. E o único sonho, que pode chegar perto desses poderes divinais, é a música. Senti-la é como ser um constante bandido, roubando para si um sentimento que pertence a todos. Porém, criá-la é como comandar todos esses bandidos. É como escravizar o coração das pessoas. Talvez amem e talvez odeiem. Quem escraviza esses corações pertence à maior divindade. Porque conhece a arte de colecionar almas.

Quem ouve uma canção e, em seguida, aplaude, não consegue imaginar a dedicação do músico para apresentar sua virtude quase perfeita. Apresentar tons, acordes, escalas e ritmos. Tudo isso era impossível antes de abraçar o instrumento.

E a vida é breve! Breve como uma cantiga popular. Porém, pode durar como uma sinfonia clássica.

Apesar de colecionar almas, ele também vive como o mais imperfeito dos homens. Quase como um louco, às vezes vivendo a realidade, às vezes vivendo as ilusões. Um músico não pode viver em eterna fantasia, mesmo que queira, pois a realidade é o teor exato para expressar seus sentimentos mais iluminados. É como iluminar os caminhos alheios, enquanto encontra-se perdido no próprio.

Todos buscam ser felizes. Por isso, em toda tristeza há música, assim como em toda alegria. Porém, não há música na felicidade.

Por que quase toda canção fala de amor? Talvez porque tanto o bem como o mal necessitem dessa paixão. A música é uma arte pura da força da vida. Música sem sentimento é como um sombrio sopro de morte. E quase todos os músicos sabem disso, pois, para conquistar alguém, também é necessário soprar uma antiga recordação de amor.

Da mesma forma que a música pode pedir para amar, também pode pedir para matar. Como uma hipnose ou como iniciar um transe, porque todos têm uma canção que marcou o coração. Às vezes, esse coração pode ter sido marcado pelo bem, outras vezes, marcado pelo mal. Por isso, a música consegue potencializar sentimentos. Ora potencializa a raiva, ora potencializa o amor. É quase impossível passar pela vida sem sentir um trecho de uma canção. E se uma nota traz recordações boas, desejamos que essa nota seja sempre longa e melódica. Quando uma nota traz recordações más, desejamos que essa nota seja breve e imperfeita.

A música participa de um sonho antigo e esquecido dentro de cada um. O músico sabe disso, pois é permanente em seus pensamentos, que servem como arco, enquanto seus sentimentos servem como flecha. E essa flecha precisa atingir a parte mais dura de cada coração. Quando arco e flecha estão em perfeita harmonia, os corações podem mudar de um dia para a noite. Esquecendo eternamente a tardança.

Um músico sempre está de prontidão para revolucionar as tristezas. Porque, em qualquer escuridão, tem que haver luz sempre para que a esperança não se torne uma mentira santa. Canções que atravessam gerações são semelhantes ao destino puro da esperança. Mesmo que para esperar uma vida inteira. Melhor do que a verdade certa do vazio.

Qualquer grande artista possui um excesso de cuidados para apontar rumo à vivacidade. Porque, na vivacidade, tem que haver perfume para os ouvidos, cores para as narinas e música para a boca.

Melhor do que ser o bedel da vida, ser o estudante, isso conforta o músico. De que nunca se está o suficientemente pronto para ser excelente nessa arte, pois a música é edificada sobre indefinições. Às vezes, depois de uma nota, encontram-se pela frente várias possibilidades para uma segunda nota.

O artista precisa vestir sua arte de prazeres, são prazeres definidos pelo talento e pela técnica. Assim, ele apresenta uma vida que vale um pouco a pena. A técnica dá asas ao talento e o talento dá asas à técnica. Em nenhum momento, um consegue existir sem o outro. Talvez seja por isso que os maiores compositores da história sempre viveram uma vida repleta de emoções. É fundamental para o compositor reunir sentimentos. Sentir a vida como ela é, sentir a alegria e a tristeza, uma vez que ele é o único que compartilha seus sentimentos com outros.

Enquanto o mar estiver salgado, o músico quer adoçá-lo. Enquanto o rio estiver doce, o músico quer salgá-lo. Enquanto o sol estiver brilhante, o músico quer escurecê-lo. E enquanto o espaço estiver escuro, o músico quer iluminá-lo. Aos nossos olhos, o Universo está perfeito, mas, para ele que precisa embriagar-se de vida, sempre haverá algo de errado. Não consegue viver em completa bonança. Sempre quer aliviar uma dor do passado, do presente e do futuro.

Qualquer canção nasce como um embrião que precisa desenvolver-se. Ela nasce na improvisação, nas escalas, num piano ou até mesmo numa guitarra elétrica.

Mesmo sendo um instrumento musical muito jovem, a guitarra consegue sobreviver, de tempos em tempos, no imaginário dos jovens. Quase todos já sonharam em ser um grande guitarrista de sucesso. E, principalmente, de sucesso, pois sem sucesso não vale a pena.

Alguns jovens, tão apaixonados pelo som cortante de uma guitarra elétrica, se esquecem de tudo, da vida, do futuro e dos amores, simplesmente, pela paixão de tocar a tal guitarra elétrica. E por que tanta paixão por um pedaço de madeira e adornos de metal? Fica bem mais fácil de entender se você descobrir o que vem atrás de uma guitarra. Prazer, *status*, riqueza, fama... como os jovens sempre buscam liberdade, logo buscam alcançá-la através desses poderes, virtudes e vontades.

No Ocidente, liberdade perdeu um pouco seu verdadeiro sentido. Alguns têm a liberdade como não estar preso a algum lugar sem vontade. Mas liberdade pode ir além disso. Liberdade pode ter vários significados. E, talvez, possa ser também um desejo alcançado. Desejar e ter, para muitos, um conceito ocidental, mas poderíamos

transferir o ter pelo ser. Assim, entenderíamos melhor por que um garoto deseja ser um jogador de futebol, ou um guitarrista, ao invés de gerente de banco. Talvez pelo simples fato de ser herói, um tipo de herói que quase chega perto de um herói de quadrinhos, ou pelo fato de divertir-se e ainda ser admirado por isso. Portanto, quando um jovem descobre a guitarra, ele também descobre a música jovem do séc. XX.

A grande influência da música jovem, no século passado, nasceu dos escravos americanos. Os trabalhos forçados na plantação de algodão, nos Estados Unidos da América, e a chamada saudade da África transformavam-se em cantos, chamados de *spirituals.*

Uma curiosidade interessante para entender o nascimento do *jazz* e do *rythm blues*, pais adorados da música jovem do séc. XX, é que os donos de escravos, quando viajavam para a Europa, descuidavam dos instrumentos musicais deixados nos casarões. Depois, os escravos invadiam para "fuçar" os instrumentos. Surgia, assim, um jeito próprio de fazer música. Surgiam, assim, a improvisação do *jazz* e a melancolia do *blues.*

Sabe-se que a fama do guitarrista de ser um garoto pervertido e mau não nasceu por acaso. Já na década de 40, surgiram os primeiros guitarristas *bad boys*. O *jazz* e o *blues*, naqueles anos, eram considerados música de afro americano, pobre e bandido. Eram tidos como música profana, por, necessariamente, cantar as paixões dos homens.

Vários afro americanos, que trabalhavam na plantação de algodão, eram seduzidos pela fama através de um caça-talentos, que lhes prometia dinheiro e sucesso. A partir daí, vários afro americanos cantores e instrumentistas dirigiram-se para as grandes cidades da época. O caça-talentos gravava o disco por uma quantia irrisória. Havia muitos brancos que queriam ouvir a tal música profana. Com o dinheiro que ganhavam na gravação, os jovens afro americanos cantores, inexperientes com dinheiro em mãos, investiam a soma nos *rendez-vous* da cidade, sempre em busca de mulheres, ternos caríssimos, bebidas e quaisquer drogas da época. Logo, a fama do guitarrista também não era das melhores. Todos esses fatos, que se somavam aos boatos, transformaram o instrumentista da música negra norte-americana em um possível filho do mal.

Talvez alguém esteja perguntando: Por que lidar com uma música de baixo nível como a música popular? Por que não Beethoven, Mozart, Chopin, Vivaldi ou Bach? A música é uma arte bastante apreciada pelos seus admiradores e todos esses compositores também foram populares em suas épocas. O que aconteceu com a música negra no séc. XX foi um caso atípico. Os meios de comunicação de massa transformaram esses músicos populares em semideuses. Suas músicas espalharam-se de uma forma tão espantosa, que hoje, no Oriente, mais exatamente no Japão, um primeiro-ministro admira Elvis. E para o descrédito da música erudita, seu sistema rígido de concentração não encanta os mais jovens. Assim, assistir pela TV a um afro descendente, Chuck Berry, dançando a dança do pato enquanto executa sua canção, torna a tarde mais divertida e mais sedutora.

O grande *boom* começa nos anos 50, com o casamento da TV com a música popular. O *blues* começou a acelerar a batida, começou a ser executado por brancos, começou a gerar um ritmo que encantou jovens no mundo inteiro. Começou, assim, o *rock and roll*...

O *rock*, uma música inebriante que nunca perdeu seu caráter profano através dos tempos, surgiu como um embrião do *blues*, com guitarras cortantes e estridentes para transformar-se através de guitarras densas, sujas e distorcidas. No início da história da guitarra, o violão, seu antecessor, era puramente um instrumento harmônico, incapaz de determinar melodia sobre os outros instrumentos. Em seguida, descobriram que o violão poderia adquirir um aspecto melódico diante dos demais, bastando apenas amplificá-lo através de circuitos elétricos. Em pouco tempo, transformou-se em guitarra elétrica, que adquiriu função essencial na estrutura do *rock and roll.*

A guitarra está para o *rock* assim como Che Guevara está para a Revolução Cubana, ou seja, são inseparáveis. Quando um morre, o outro também morre. Como falar de *rock* e não falar de Chuck Berry, George Harrison, Eric Clapton, Jimi Hendrix, Ritchie Blackmore, Jimmy Page, Van Halen, Joe Perry, Keith Richards e tantos outros inumeráveis no decorrer da história? Às vezes, pode-se dizer que guitarra é *rock* e *rock* é guitarra. Algumas vezes, alguém pode citar o nome de certos vocalistas, porém são quase pacientes dessa música histérica, enquanto os guitarristas são quase agentes ativos. Os fãs,

espalhados pelo mundo, somente começam a balançar seus corpos num espetáculo de *rock*, quando ouvem os acordes furiosos de uma guitarra.

Esse instrumento elétrico pode ser de uma energia quase superior, capaz de fazer um senhor de idade, como Keith Richards, dançar como um garoto de quatorze anos de idade.

O céu pode estar errado quando se menciona que o *rock* é uma música profana. Às vezes, torna-se divino, como a versão do Kiss – "God gave rock and roll to you" – ou *"*Deus deu o *rock and roll* para ti". Basta procurar para encontrar a mágica escondida na manga do paletó. Se ouvíssemos as letras envolvidos na melancolia de um sarau e poesia, não despertaríamos para as verdades que precisam ferir. Porém, os acordes raivosos despertam atenção para o conjunto da composição, pois, de nada adiantam letras polidas e esmeradas em poesia, se a guitarra não explodi-las dentro da cabeça do espectador.

Quando a vida escurece, algo de péssimo pode acontecer, mas para um garoto ainda restará sua harpa de fogo, arma potente, capaz de disparar raiva em segundos. Arma branca, capaz de revolucionar os medos, capaz de guardar ainda um sonho utópico ou uma ideologia enterrada. Uma semente de esperança ainda germina para quem acredita nos disparos de uma guitarra. Sempre existirá mudança nos ares, enquanto avistarmos um garoto com sua guitarra nas costas perambulando pela cidade.

O tropel desorganizado ainda espera uma salvação. Mas que não venha de profetas orgulhosos, nem de ditadores alucinados, nem de governantes arrogantes, nem de poetas vaidosos, que venha, sim, de músicas inalcançáveis pelos anjos e devoradas pelo povo, de um choro desesperado de alegria, de um choro somente traduzido numa chuva apocalíptica de um amplificador Marshall.

Não há como inverter o estado das coisas. Alguns diriam: Pão e circo para o povo! Da mesma forma que não há como inverter o estado das coisas, não há como corromper um jovem e seu instrumento. É vivo que alguns podem se perder, porém seu instrumento é amuleto contra a farsa, a inveja e a intolerância. Música não é arte para um *rocker*. Para ele, música é modo de vida, nirvana, entorpecimento, rainha adorada pelos súditos. É o que leva um jovem a atravessar qualquer caminho, seja bom ou mau.

Um *rocker* é casado com o *rock*. Ele pode até paquerar, mas é com essa música ruidosa que escolheu como companhia pelo resto de seus dias, porque ele não consegue trair o *rock* por muito tempo. Quando acompanhado por outros *rockers*, ele sente, e somente ele sente, que a felicidade existe para qualquer um. Seja uma felicidade pesada ou flutuante, fria ou quente, escura ou iluminada, boa ou má... Felicidade escondida detrás de uma rocha tão dura quanto o *rock*.

E essa rocha atravessou o caminho de um garoto, tanto quanto o de tantos outros espalhados pelo mundo. Essa rocha atravessou o caminho de um garoto num lugar tão distante e isolado da natureza dessa rocha. Um garoto de nome Eric, por influência do tio, apaixonado por Eric Clapton. Um garoto escondido dos holofotes dessa gigantesca rocha. Apenas outro ninguém de Terra das Águas, descendente distante de alemães que migraram do sul para o cerrado, para trabalhar no cultivo da terra, onde a rocha está isolada diante da erosão de outros ritmos, onde a rocha flutua sem peso para milhares de garotos que esperam devorá-la quando cair, numa terra onde ela nunca caiu. Mas os pacientes esperam a esperança. E a esperança espera Eric Raiman.

CAPÍTULO II

Como a rocha poderia cair no interior do cerrado? Uma rocha norte-americana feita das raízes do Delta do Mississipi! O *rock* surgiu para encurtar distâncias entre os jovens que fazem apenas o que o coração pede. Somente os cegos não veem que o *rock* invadiu todas as fronteiras. Hoje, existe algo de comum entre um morador de Tóquio, Nova York, Londres... e até a perfeitamente escondida Terra das Águas.

A manhã estava radiante, brilhando intensamente um sol acolhedor de luzes brancas com uma tez transparente, parecia que, nos ares, havia flocos de cristal. Assim eram quase todos os céus de Terra das Águas até as linhas do destino se cruzarem.

Estava ele novamente no colégio estadual de Terra das Águas, dedicando-se aos estudos e sonhando um amor inocente por Alicia, garota loira, filha de um casal de advogados que percebiam, naquele momento, a filha desabrochando para a puberdade. E Alicia parecia crescer com maior destaque entre as outras garotas de sua idade naquele lugar. Os pais logo vislumbraram uma possibilidade de ascensão social. Não que precisassem, mas o mais é sempre melhor, pois qualquer oportunidade para ganhar era uma oportunidade para encontrar uma fresta de luz para a vida. Para muitos, a luz brilha apenas intensamente nos bolsos de poucos.

Eric estudava matemática como quem desvenda os mistérios do mundo. Pensava ele que talvez pudesse ajudar Alicia no estudo dos números. Frequentar a casa dela era tudo de mais importante na vida. Sentia que, um dia, teria que declarar aquele amor contido.

No momento em que todos da sala estudavam, Cid, um garoto implicante e mimado pelo pai, dono de uma grande empresa em Terra das Águas, levantou como quem despreza aquela decoreba de números:

__Cid, por que não está estudando como seus colegas?__perguntou a professora Selma, em tom enérgico.

__Eu não preciso saber dessas idiotices.__revoltou-se ele.__Meu pai é o homem mais rico desta cidade!

__E você gostaria de ser rico e ignorante?

Naquele instante, todos os garotos comemoraram.

__E o que você sabe sobre dinheiro!?__continuou Cid.__Esta escola não tem nada para me ensinar. Meu pai tem dinheiro para me colocar nas melhores escolas do mundo. Não tente me ensinar nada. Teu salário é a metade da minha mesada semanal.

A professora esboçou um choro ferido:

__Vá para a diretoria, insolente!

A sala ficou em completo silêncio.

Cid era mesmo assim, considerava-se senhor de todos já na tenra idade. Aprendeu desde cedo que o dinheiro regia todos os segredos da vida. Acima do dinheiro, somente Nossa Senhora de Aparecida. Mesmo ele ainda implume, seu pai contava-lhe as maravilhas que o dinheiro comprava, a força que possuía sobre a vida, o desespero de todos por ele, capaz de tirar e dar a vida, capaz de dar alguma felicidade para quem o possui, capaz de roubar até o coração da garota mais bela do colegial.

E foi nesse instante, em que foi expulso para a diretoria, que Cid reagiu com desprezo para com a professora. O orgulho não podia cair diante de uma simples professora do interior.

__Eu vou, porém vou fazer o que todos desta sala sonham, mas não têm coragem.__disse ele, provocando a turma.

Todos sentiram o que ele desejava. E fez, roubou um beijo de Alicia. Beijou-a fortemente, segurando seu rosto com uma força tão intensa que queimava o coração da turma. A professora ficou tão sem graça que até corou de vergonha. De todos aqueles que sentiam um ciúme crepitante, apenas um sentiu o amor chorar como chora em todas as canções populares. O mesmo amor que é lacerado na guitarra Lucille, de B.B.King. Aquele sentimento de revés que acende a chama da morte. Sentir o revés era como amadurecer ainda jovem, era sentir que a vida despejava pedras robustas em seus pensamentos íntimos, era descobrir que o *blues* não chorava à toa. Todos, algum dia, sentiriam o mesmo choro do *blues*, e o jovem Eric sentiu... sem saber que aquilo era *blues.*

Eric sentiu que o amor iludia, sentiu por ver que Alicia parecia gostar daquele beijo invasor. Por mais que se desvencilhasse, dizendo não, seu coração dizia sim. Como quem se divertia para dizer ao mundo que o amor é conspícuo.

Mas nem a audácia de Cid calou a professora:

__Já para a diretoria, Cid!__determinou ela, novamente.

Ele não se importou e continuou a roubar o beijo de Alicia. A cada beijo mergulhado, Alicia parecia querer mais. Aquele sentimento de ter o jovem mais poderoso da cidade parecia torná-la poderosa também. Não que Cid fosse um jovem bonito, mas suas feições já eram o suficiente para deixar nascer um pequeno desejo. Já eram o suficiente para tê-lo como o namorado que seus pais tanto sonhavam.

__Cid, se continuar com isso, vou pedir a tua expulsão!__gritou a professora, enfurecida.

__Eu vou, velha mal-amada!__respondeu, com um ar superior.__Mas eu volto para ganhar Alicia de vez, pois nunca conseguirá me tirar da escola.

__Vá logo, malcriado.

Quando Cid estava saindo da sala, apontou o dedo médio para a professora. Mesmo conhecendo a fama daquele implicante e seu pai naquela cidade, sabia que não adiantaria nada mandá-lo para a diretoria, pois todos na cidade, inclusive a diretora, respeitavam demasiadamente o dono das empresas Mercúrio.

A professora Selma não se conteve por muito tempo e caiu aos prantos...

O desprezo daquele jovem fazia efeito nos alunos. Não tinha como puni-lo. E o pior de tudo era descobrir que Cid tinha razão. Ele não precisava de nada naquela aula, pois, com o tempo, seria um dos homens mais ricos da região, educado ou não.

A professora Selma ficou chorando por muito tempo no canto da sala onde estava sua mesa. Baixou a cabeça para não olhar para os alunos. Não havia como mostrar-lhes, tão novos, que a injustiça possui sua fantasia de justiça, que a injustiça usa o sangue dos mais pobres para a verdade dos mais ricos.

Enquanto a professora Selma chorava, os alunos silenciavam. Não sabiam como agir. Acreditavam, por um breve momento, que ainda existiam tiranos como nos livros de Estudos Sociais. O poder

anulava qualquer sentimento digno de alguém. Os alunos pensaram: Como um garoto como eles poderia humilhar tanto uma professora madura e respeitada? Foi algo que Eric aprendeu sem precisar de segunda lição.

Enquanto alguns cochichavam, quase em silêncio, e Alicia suspirava pelo seu príncipe tirano, Eric aproximou-se da professora:

__Não fique assim, dona Selma.__disse ele, tentando reconfortá-la.__A senhora não tem obrigação de educá-lo para a vida. Para a vida, quem educa são somente os nossos pais. Aprendi isso quando mexi no acordeão do meu pai. A senhora não faz ideia do quanto eu apanhei naquele dia. Quando não se apanha dos pais, se apanha da vida. É o que meu pai sempre me diz depois de me bater.

__Obrigada, Eric. Mesmo sendo novo, já sabe o bastante. Obrigada.

__Por isso, volte e dê a aula. Estou ansioso para aprender. Meu pai sempre me diz que a diferença de um bom músico e de um ótimo músico é que o ótimo músico possui a matemática na intuição.

Depois de engolir as lágrimas, a professora Selma recuperou o semblante de mestra respeitada e recomeçou a escrever na lousa a lição seguinte.

Nisso, apenas uma pessoa esquecia a lição.

Pensamento de Alicia:

Como o Cid é demais! Ele consegue mandar até na professora. Aposto que a garota que casar com ele vai ser riquíssima. Ele é tudo! Vou contar tudo pra minha mãe... ela vai simplesmente adorar saber que o filho da empresa Mercúrio é apaixonado por mim.

Enquanto outra pessoa também esquecia a lição, mas se lembrava de Alicia.

Pensamento de Eric:

Antes, não conhecia o valor de um brinquedo. Mas, percebendo Alicia, dessa forma, hipnotizada, percebo agora o brinquedo dos mais velhos. Uma empresa grande parece ser um brinquedo respeitável.

Talvez eu esteja sendo ciumento demais. Ela, como eu, é bastante nova para pensar como uma mulher pensa. Talvez eu deva chegar mais perto ao invés de reclamar. Talvez seja como nas canções que o meu pai canta. Parece ser tão perfeito que não dá para acreditar que seja de uma outra forma. Não dá para acreditar que, no amor, haja espinhos. Afinal, o que é a grande empresa do pai do Cid perto do que sinto por Alicia?

Enquanto Eric sonhava com Alicia e Alicia sonhava com Cid, este estava na diretoria, resmungando e desprezando qualquer repreensão da diretora:

__Cid, eu sei que teu pai é um homem muito importante, mas assim não pode continuar.

__Continuar o quê, diretora?

Apesar de nunca respeitar hierarquia, a única pessoa por quem ele tinha pouca consideração na escola era a diretora. Ela possuía uma certa intimidade com a família. Relatava as faltas do filho para o pai que, às vezes, ouvia com desinteresse.

__Não continue com isso. Pare de dizer que o teu pai pode tudo.

__E não pode!?

__Às vezes, pode. Mas você não precisa ficar dizendo isso o tempo todo. Muito menos para a professora e teus colegas.

__Que colegas!? Esses garotos são todos uns coitados que nunca vão conseguir ser nada na vida. Estudam para conseguir, com muita determinação, o milésimo do que tenho.

__Tudo bem, Cid. Mas um grão da tua humildade pode ser um farto banquete para os outros.

__Que humildade, que nada! Não estou aqui para ouvir sermões. Se já acabou, com licença, preciso ir embora.

__Tudo bem. Pode ir. Mas modere com os professores. É a única coisa que lhe peço.

__Tudo bem. Vou moderar, assim que eu falar para o meu pai que a senhora já se esqueceu da reforma que ele fez na escola.

__Está certo. Esqueça o que eu disse. Mas, pelo menos, reflita: um grão da tua humildade pode ser um farto banquete para o outro.

__Sem problema. Vou refletir. Mas não seria melhor assim: um farto banquete do meu orgulho pode ser um grão para o outro.

O cotidiano naquela escola era quase sempre assim. Quando Cid entojava-se das aulas, implicava ora com alunos, ora com professores, com um único objetivo: ser levado para a diretoria, onde a diretora, depois de uma tímida repreensão, liberava-o com um leve sorriso no rosto:

__Tudo bem então, diretora.__disse, num pequeníssimo melindre.__Melhor refletir sobre isso em casa. Posso ir agora? Estou com uma baita fome.

__Pode, sim.

__Então... fui.

__Ah, antes, Cid. Eu fiquei sabendo que teu pai vai abrir filiais na capital. Não haveria um bom lugar para mim em uma dessas filiais?

O orgulho jactante do jovem Cid suspirou novamente:

__Pode ser. Não prometo nada. Pode ser.__disse venusianamente, saindo da sala com um sorriso irônico.

No pátio da escola, alguns garotos e garotas mais novos observaram Cid passar por eles como um rei. Pareciam gratos pela reforma da escola:

__Tati, você sabe quem é esse garoto?

__Não.

__Esse daí é o filho do senhor Matos, praticamente dono de Terra das Águas.

__Eu achei ele um pouco meio feio.

__Você está louca!? Eu daria a vida por ele. Dizem por aí que o pai dele, quando chegar o tempo certo, vai dar-lhe a *pick-up* mais cara do mercado.

__E daí!? Parece que ele tem uma papa enorme entre o pescoço e a cabeça.

__Que nada! A garota que casar com ele, certamente, será a mais rica de Terra das Águas.

Os garotos também comentavam a falta de um herói:

__Taí um cara que eu queria ser.

__Pra mim é um babaca!

__Quero ver dizer isso na frente dele.

__E por que não?

__Cê tá louco, cara!? Esse cara é o nosso sustento no futuro. Sem ele, sem futuro. Quando completar dezoito anos, o pai dele passará duas fazendas para o seu nome.

__Isso que eu chamo de sorte.

__É... esse é o cara!

Quando Cid aproximou-se do bedel da escola, que vigiava o portão para nenhum aluno sair, novamente foi celebrado.

__E aí, Cidão!__disse o bedel, com o sorriso mais frutífero dos puxa-sacos.__Saindo novamente mais cedo da escola?

__Sabe como é! O papai aqui tem muitas responsabilidades.

__A Alicia é uma delas?

__Sem pressão. Tudo tem seu tempo.

Era demasiado interessante perceber como pessoas bem mais velhas tratavam Cid. Tratavam um jovem com excesso de respeito e humildade.

__E o churrasco na fazenda?

__Quero você lá, Divino!__disse Cid, enquanto o bedel abria o portão.

__Todo domingo?

__É de lei, *my brother*!

Cid, extrovertidamente, apertou a mão do bedel, antes de partir... a libertinagem era seu melhor sonho de liberdade.

E assim o pequeno Cid já se mostrava um homem precocemente maduro. Com amizades demasiadamente estranhas para um jovem. Amizades que fortaleciam sua gangue rural, seus futuros admiradores e seus futuros bajuladores. Por sinal, essa era a principal e única responsabilidade de Cid, tomar a frente nos negócios do pai.

Cid saiu da escola, animado pelo que lhe acontecia quase sempre quando bem quisesse. Como gostava de deixar bem claro, o respeito por ele deveria sempre existir. Tanto o respeito dos mais novos quanto o respeito dos mais velhos. E, do seu ponto de vista, a professora Selma o desrespeitou. Os outros julgaram o contrário, mas, para conseguir autoridade na cidade, o medo era a principal arma sobre a população.

Claro, Cid tinha um propósito e nunca deixaria a voz alta da professora passar sobre seu orgulho. Ela precisava aprender uma

lição: um fidalgo sempre será um fidalgo. E que ninguém ouse subir nas costas de um.

A escola situava-se num enorme terreno de duas quadras, aproximadamente. Medindo a dimensão do lugar, Cid começou a arquitetar um plano. Um plano simples: esvaziar os quatro pneus do veículo da professora Selma. Para isso, caminhou contornando a escola à procura do carro. Ele conhecia o veículo. Ele já havia visto a pobre mestra dirigir um Fiat Uno verde-metálico.

Circundou quase metade da escola até encontrar o veículo dela estacionado próximo a um barzinho de caldos e cerveja.

Sem perder tempo, esvaziou os pneus dianteiros:

__Agora, aquela velha vai saber com quem está mexendo.__pensou ele.__Agora, ela vai saber que ninguém fala mais alto do que Cid Matos.

Enquanto Cid cumpria sua vontade, o toque do término das aulas do dia soou. Os alunos, aos poucos, foram saindo. Entre eles, os alunos que tiveram um dia de aula um pouco irregular. Ninguém falava de outra coisa, senão na discussão de Cid com a professora. E o beijo que Cid roubou de Alicia, muito mais comentado entre as garotas. Em pouco tempo, a cidade inteira saberia do romance dos dois adolescentes. Finalmente, a tão esperada namorada do herdeiro dos Matos estava surgindo para todos.

Depois do acontecimento, duas amigas mais velhas correram ao encontro de Alicia:

__Amiga, eu quero saber de tudo, de tudo mesmo.__disse Petra, curiosa.

__Me diga, amiga!__disse Vanessa, também.__Como foi beijar o herdeiro mais rico de Terra das Águas?

__Vocês não vão acreditar! Até agora estou paralisada naquele beijo.__disse Alicia, quase levitando nos ares.

__Vamos, conte como foi.

__Era como estar no céu!

Nesse momento, Eric esbarrou sem querer em Alicia:

__Desculpe, Alicia.

__Não tem problema, meu anjo.

__Você não olha por onde anda?__irritou-se Petra.

Era normal para Eric, na maioria das vezes, ficar nervoso diante de Alicia. Não sabia o que fazer. Às vezes, parecia que o coração pedia para fugir pela boca quando ela olhava-o com um pouco de atenção. Na doce ternura juvenil era assim. Não que Eric fosse um garoto desconcertado, mas a menor presença dela paralisava os sentidos, interrompia a fala, enquanto as luzes do dia escureciam a visão e entorpeciam a mente. Nem todas as garotas conheceriam as atitudes daquele jovem apaixonado, mas não adianta atitude quando os sentidos falham. E, às vezes, um simples cumprimento é a vitória de quem ama. Portanto, não pergunte a ele o que é o amor, pois, nesse momento, ele saberá responder.

Pouco se olharam... e Eric seguiu seu caminho.

__Esse garoto é um idiota, mesmo.__disse Petra.

__Quem é ele?__perguntou Alicia, interessada.

__O nome dele é Eric, filho de um cantorzinho de dupla sertaneja.

__O pai dele é famoso?__perguntou Alicia, novamente, interessada.

__Famoso!?__ironizou Petra.__O pai dele ganha a vida tocando sempre em todos os copos sujos da região. Meu Deus, eu não sei o que faria se vivesse com um homem assim. Por isso que o filho dele é um idiota.

__Eu achei esse Eric um gatinho!__alegrou-se Vanessa.

__Esquece esse garoto idiota, gente!__disse Alicia, tentando mudar de assunto.__Hoje foi o melhor dia da minha vida. E amanhã, talvez, se tudo sair bem, serei a senhora Matos.

Nisso, Eric continuava seu caminho.

Pensamento de Eric:

O que a Alicia viu naquele babaca do Cid? O cara é simplesmente o cara mais babaca que eu já vi. Ele parece ter uma papa entre o pescoço e a cabeça.

Realmente, Eric estava furioso de ciúmes. Isso era *blues*. Algo que mal conhecia. Tudo aquilo, um dia, iria correr em seu sangue, mas, até aquele momento, o ciúme parecia querer explodir o coração.

Nada melhor do que desejar para o agente de todo aquele amor contrário, de todo aquele sentimento crispado, de todo aquele ódio encolerizado, desejar tudo isso para o próprio Cid.

Eric esperava aquele ódio apresentar qualquer razão contra Cid...

No caminho, encontrou-o esvaziando os pneus do veículo da professora Selma. Agora, havia qualquer razão. O ódio apresentava-se para desejar apenas socos. Nada mais do que socos.

Eric, tão cego de ciúmes, não esperou uma segunda razão:

__Adoeceu, infeliz!?__raivou-se, partindo para a agressão.

__Some daqui, moleque!__disse Cid, ignorando.

Quando ouviu o predicativo "moleque", foi o instante certo para disparar um soco na orelha de Cid. Foi um soco tão bem dado que, justiça seja feita, o orgulho diminuiu de tanto gabar-se de ser o garoto mais rico da cidade. Há tempos que Eric desejava explodir uma mão fechada na cara do jovem mentecapto. Assisti-lo, prejudicando a professora novamente, foi a gota. Claro que os ciúmes ajudaram. Quase todo o sangue do corpo concentrou-se na mão. Foi o soco que melhor equilibrou a balança da justiça na escola.

Cid chegou a cair de joelhos. O soco foi de um verdadeiro herói no final da história. A cabeça de Cid ziguezagueou de um lado para o outro. O grande problema foi que Eric não pensou na reação. Cid era mais velho do que ele. E ser mais velho conta bastante quando se é jovem.

Algo de muito ruim parecia querer acontecer...

Depois de recuperar-se, Cid levantou furioso:

__Você pirou, moleque!?

O grande erro de Eric foi esquecer a reação do rival. Quando percebeu o projeto dos Matos com os olhos rubros de raiva, o primeiro pensamento foi apenas correr. Sentiu-se como uma verdadeira formiga inofensiva diante do rival troglodita. Cid parecia transformar-se num gorila selvagem. Pensou em correr, uma ideia inútil naquele momento. O corpo paralisou-se de medo e os pés colaram-se ao chão.

Não teve muita resistência diante do empedernido Cid, que, com muita força, derrubou-o com os braços, deitando-se em seguida sobre ele, dando uma gravata tão violenta que Eric parecia falecer em seus braços:

__E agora, moleque!?__disse Cid, enquanto enforcava Eric com o braço direito.__Você ficou maluco de vez? Ficou nervosinho por causa da lata velha daquela mal-amada, ou foi por causa do beijo que eu dei naquela safadinha loira?

Enquanto Cid enforcava-o, Eric tentava salvar-se. Estava perdendo a respiração. Parecia que o ar não entrava mais em seus pulmões. Ouviam-se apenas alguns gemidos seus.

Quanto mais Eric parecia desmaiar, mais Cid imprimia-lhe força.

Cid desprezava qualquer semelhante. Talvez nem se Nossa Senhora de Aparecida, que tanto respeitava por seu pai ser devoto, aparecesse ali, o faria esquecer a ideia de matar. Ele parecia não perder tempo para o primeiro crime relevante. Continuava maquinando a força do braço ao redor do pescoço do rival:

__Então, garoto!__disse Cid.__O que te levou a fazer essa loucura? Aposto que você é mais um daqueles fedelhos da sala que se masturbam no banheiro para a Alicia. Esquece! Eu vou ser o primeiro a beijar aqueles peitinhos rosados. Até agora, não sei o que te deu. Por que não continuou no teu pequeno anonimato? Pois ela nem sabe quem você é.

__Me solta, *playboy* de nada!__gemeu Eric, balbuciando as palavras.

__*Playboy* de quê!?__ameaçou, imprimindo mais força sobre o pescoço frágil do jovem Raiman.

__De... nada!

No exato instante em que Cid comprimia os últimos suspiros de Eric, outros garotos da escola, que passavam naquele caminho, tentaram acudir:

__Cid, larga o garoto! Assim irá matá-lo.

E outros mais apareceram para ajudar o jovem. Também estavam cansados da petulância de Cid. Parecia a hora certa para o ordinário levar uma surra. Até Noel, da mesma idade de Cid, porém mais troncudo, apareceu para defender o mais novo. Começou a segurar Cid da mesma forma que este segurava Eric. Em poucos instantes, o jovem Raiman salvou-se. E a gritaria perto da escola foi geral. Muitos alunos começaram a aparecer para a algazarra da briga.

Nisso, Cid, imobilizado, sentiu uma dor ardente na orelha esquerda:

__Olha o que aquele moleque fez!__gritou ele.__Minha orelha está sangrando.

__Eu não sei o que o Eric fez com você, mas vai piorar.__disse Noel, ameaçando.

__Deixe esse desgraçado, filhinho de papai, comigo!__gritou Eric, alucinado, no meio da garotada.

Enquanto os garotos badernavam como numa arena da Roma Antiga, as garotas também começaram a aparecer para fazer parte da turma do "deixa disso". Entre elas, Alicia, bastante horrorizada com o que via.

A imagem da briga ficou distorcida para ela, que não poderia nunca aceitar que um garoto segurasse seu mais novo namorado, enquanto outro se preparava para bater.

Um guitarrista, até fazendo o bem, pega a fama de ser mau.

Alicia estava histérica e tentou defender o cínico Cid:

__Vocês não vão fazer isso com ele!__gritou ela.

Todos os garotos intimidaram-se naquele momento. Sua beleza parecia prostrar o caráter rudimentar de cada um. E o pior da briga acabou ficando para Eric. Não teve reação quando viu Alicia aproximar-se. Ela parecia tão carinhosa, defendendo Cid, que até pensou que estava agindo mal. Restou apenas ficar paralisado, sem fazer nada.

Alicia continuou, decidida:

__Deixe ele em paz!

__Quem, eu!?__surpreendeu-se Eric.

__Que nada! Faz tempo que o Cid merece levar uma surra.__gritou um garoto, próximo da confusão.

Eric não podia crer! Seu primeiro amor estava, de fato, defendendo, apaixonadamente, o cara mais irritante da cidade. Como entender essa paixão empatada?

__E você?__disse ela, apontando para Noel.__Solte imediatamente o Cid.

__Quem é você, garota, pra dizer o que devo e o que não devo fazer?

__É isso aí, Noel! Acaba com esse *agroboy* de vez.

__Quebra ele, Noel!

Enquanto todos aguardavam a briga, Eric, paralisado, apenas admirava Alicia.

Pensamento de Eric:

Como é linda! Eu conseguiria apaixonar-me por ela mais umas cem vezes. Parece um anjo defendendo esse idiota. Desejaria tanto que ela me defendesse assim. Mas... infelizmente, ela está defendendo esse idiota.

Ela parece ser de um caráter tão doce que, às vezes, poderia apaixonar-me pela tua alma.

Um amor cego...

Quando Noel preparava-se para enforcar Cid ainda mais, todos potencializavam o conflito. Menos Alicia:

__Se você não soltar o Cid, agora, chamarei a diretora para expulsá-lo.

__Não escute ela, Noel! Esse Cid precisa de uma lição.__gritou outro baderneiro.

Nesse tempo, o bedel notou a movimentação à direita da escola. Para manter a ordem, acompanhou outros garotos para ver o que acontecia. Nunca perdia tempo para exibir sua autoridade.

Quando ele apareceu na roda de briga, não podia crer. Seu garoto mais protegido estava sendo ameaçado. Como um dos grandes puxa-sacos da família Matos, interveio para defender Cid:

__ Solte ele, Noel!__bradou o bedel Divino.__Ou você vai ser expulso.

Foi o momento para Noel intimidar-se e soltar o pescoço de Cid. Muitos desanimaram. A briga acabou nesse instante. Logo o bedel orgulhou-se de ter ajudado Cid, pois, certamente, poderia receber gratificações do senhor Matos... e a vida em Terra das Águas contornava sempre os interesses daquela família.

O bedel nem perdeu tempo para puxar uma das orelhas de Noel:

__Vem cá, garoto, agora você irá aprender o que eu faço com encrenqueiros aqui.

__Solte o Noel, Divino!__gritou Eric, tentando defender.__Ele estava me ajudando. O Cid estava esvaziando os pneus do carro da professora. É ele o verdadeiro culpado.

__O que é isso, rapaz?__contradisse o bedel.__O Cid nunca faria uma coisa dessas. O filho do senhor Matos seria incapaz. Se você ainda não sabe, foi o pai dele quem reformou a escola. É por causa dele que você hoje estuda numa escola bonita e agradável. E, além do mais, conheço o caráter do Cidão. No Natal ele distribuiu, junto com sua mãe, cestas básicas para o pessoal mais pobre. Conhece o valor de ajudar. Seria incapaz disso.

__Mas eu o vi esvaziando os pneus.__insistiu Eric.__Dê uma olhada.

Quando o bedel aproximou-se, Cid não perdeu tempo em melindrar-se:

__Meu Deus, minha orelha está sangrando! Alguém me ajude, por favor.

__É verdade! Minha Nossa Senhora! O Cid está realmente sangrando.__horrorizou-se Alicia, ao abraçar o jovem, tentando confortá-lo.

Novamente, os ciúmes de Eric começaram a derreter a epiderme:

__Alicia, como pode ajudar esse babaca, mesmo sabendo que ele estava baixando os pneus do carro da professora?

__Babaca é você, garoto!__irritou-se Alicia.__Quando cheguei aqui, você estava pronto para bater no Cid. Eu nunca pensei que você fosse assim, sempre calado e educado na sala de aula, porém, fora dela, um perfeito animalzinho.

__Escute aqui! Ele estava quase me matando quando apareceu o Noel.

__Escute você, garoto! Eu sempre pensei que todos desta cidade falassem mal do Cid apenas por inveja. Porque todos aqui sonham em ter um terço do que ele tem. Mas bater nele por isso. Assim é demais! Eu vou fazer de tudo para que você e seu amigo, aí pesadão, sejam expulsos da escola. Isso é uma falta de respeito. Nada justifica o ato de vocês dois.__desabafou Alicia.

Eric ficou inconsolável, de mãos atadas não poderia responder a quem o íntimo somente queria o bem. Ela defendia o Cid de uma forma tão carinhosa, que Eric acabou desarmado, não havia em sua mente palavras que desafiassem a ternura de Alicia. A única coisa que se perguntava: Por que o Cid, e não eu?

Nisso, Cid e Alicia caminharam abraçados, despertando ciúmes que não deveriam ferir um jovem como feriam. Como aqueles ciúmes que transformam o amor num sentimento leproso. Eric sentiu, sem segunda lição, que esse sentimento apenas derrota um homem. Estava entendendo por que, nas canções de seu pai, falava-se tanto de perder alguém.

E tudo aquilo pareceu unir ainda mais aquele novo casal. Um sentimento parecia nascer entre os dois:

__Nossa, bem, a tua orelha está muito machucada. Você precisa passar algo.__disse Alicia, venusianamente.

__Somente consigo melhorar com um beijo teu.__disse Cid, ignorando a orelha.

Alicia não perdeu muito tempo e beijou-o lividamente. Alcançar o céu era o limite. Apesar de saber que Cid aprontava, ela tinha a mesma decisão da mãe, os Matos devem ser sempre respeitados. Namorar um Matos, então, era como tocar nas nuvens.

Os dois beijaram-se intensamente. Cid beijava de um jeito que parecia querer engolir a garota, sem perder tempo em pousar a mão direita sobre os seios dela. Enquanto Alicia aceitava todos os desejos, os sonhos pareciam realizar-se.

Quando todos se dispersaram para suas casas, as amigas de Alicia suspiraram:

__Ah, Vanessa, o amor é tão lindo!__disse Petra, apontando para o casal.

__Eu tenho certeza de que o Cid estava esvaziando os pneus do carro da professora.__resmungou Vanessa.__Isso é bem a cara dele. Ninguém pode bater de frente contra suas vontades?

__Você está com inveja, porque a Alicia está vivendo o que sempre sonhou.

__Desde quando? O Cid parece ter uma papa entre a cabeça e o pescoço.

__Amiga, mas ele é simplesmente um dos rapazes mais ricos do Centro-Oeste.

Apenas um via o que não queria ver. A canção de amor que Eric gostaria de ouvir naquele momento era outra. Uma canção de revés, de dura sorte ou de amor inverso. Voltar para casa e ouvir as canções de seu pai não era acolhedor para um garoto naquela situação.

Percebeu que o mundo, às vezes, fica de cabeça para baixo e enterra os sonhos mais jovens num abismo profundo. Um abismo escuro em que a luz aparece, não para iluminar, e sim para incinerar o coração e a alma.

O lugar já estava ficando vazio. A briga já havia acabado. Os garotos que ansiavam ver Cid apanhar pela primeira vez se decepcionaram. Naquela manhã, o bandido beijou a mocinha.

Enquanto isso, o bedel levava pelas orelhas o troncudo Noel:

__E você, Eric! Escapa somente dessa vez, porque ainda o considero um garoto bom. Mas na próxima não vai haver perdão. Um dia, você irá aprender o que o mundo devora. Ainda é novo, mas aprenderá, porque sei que você é um garoto bom.

__De que adianta ser um garoto bom?__pensou Eric.

Nada poderia ficar pior para ele. Além de assistir a Alicia beijar o cara que ele mais detestava na cidade, os colegas começaram a comentar sobre o possível ciúme dele. Ficou bastante perceptível iniciar uma briga sem fundamento nenhum. Agora, todos pareciam conhecer o amor impossível de Eric. Pior do que sentir um amor impossível é ouvir dos outros que, realmente, é impossível.

Cid e Alicia ainda beijavam-se intensamente:

__Olha a cara do infeliz, Alicia!__disse Cid, em voz alta, apontando para Eric.

__Não fale assim, Cid. Tenho pena dele.__lamentou Alicia, beijando as palavras.

__Ouviu só, infeliz!__retiniu Cid.__Ela tem pena de você. Pena, ouviu bem?

Eric fingiu que não era com ele. Estava esperando o amigo Noel voltar da diretoria. Cid, porém, era insistente, irritante e impertinente. Não queria deixar escapar a chance de gloriar sobre o pequeno rapaz.

__Dê uma olhada nisso daqui, infeliz!__continuou, ao apertar as mãos sobre as ancas da jovem.

Eric não podia crer. Cid esmagava uma parte de Alicia tão estupidamente, que parecia fazer apenas para provocar. Para Cid, ter Alicia, parecia ser tão fácil. Ele esmagava, apertava, batia, fazia o que bem entendia com as ancas dela. E o pior, Alicia parecia gostar dos toques. Eric, novamente, não precisou de segunda lição: o amor é luz como também escuridão.

Depois de deixar Noel na diretoria, o bedel Divino voltou para o portão da escola. Enquanto Cid e Alicia namoravam, Eric esperava o amigo. E o tempo foi passando para todos que estavam na saída da escola. O jovem Raiman queria sumir daquele lugar. Não suportava o sonho íntimo sendo devorado daquela maneira, porém tinha que esperar Noel. Estava interessado no assunto da diretoria, porque temia que também pudesse ser chamado.

Repentinamente, quando ninguém esperava, surgiu na avenida uma *pick-up*, último modelo e tipo, preta e reluzente, que enegrecia ainda mais o coração do pobre Eric. Para a dura sorte, era o caseiro da fazenda de Cid. O sujeito apenas buzinou levemente. Para Eric, parecia que um buraco se abria debaixo da terra, que, provavelmente, deveria ser o melhor lugar para esconder-se. Nunca pensou que Cid fosse tão rico.

No rosto de Cid, abriu-se um enorme sorriso irônico. Sair assim, triunfando, ao ganhar de vez o coração de Alicia já era glorioso. Agora, exibir para todos a nova *pick-up* do pai fechava aquela manhã com chave de ouro, parecia guardar para si o céu e as estrelas. O pai de Cid, provavelmente, diria: digno de um Matos.

O jovem rico aproveitou a oportunidade para aproximar suas intenções com Alicia:

__Querida, você não quer almoçar comigo hoje? Depois, aproveitamos para conhecer a fazenda.

__Ah, querido! Seria o máximo. Mas não sei se devo. Antes, eu devia avisar minha mãe.

__Não tem problema. Podemos ligar para ela da fazenda. Então... vamos.

Cid abriu a porta da cabine e Alicia entrou como quem entra numa igreja para casar. Nesses instantes, Eric catava os pedaços do coração no chão. Aquela dor era insuportável e o sentimento, incurável. Porém, o revés sempre foi o espírito da música.

Antes de partir, Cid deu o ar de sua graça:

__Valeu, Divino!__despediu-se ele.__Fico te devendo essa. Domingo, vou te buscar pessoalmente para o churrasco lá na fazenda.

__Ficarei esperando. Será uma honra.

__Enquanto você, fedelho, dê uma olhada nisso daqui.__ironizou Cid, ao apertar o sexo de Alicia.__Agora, isso daqui é todo meu!

Antes de o veículo partir, Cid ainda mostrou-lhe o dedo médio. Eric não via a hora daquela máquina sumir da sua frente. Ele não conseguia entender por que Alicia entregava-se tão facilmente.

Em poucos minutos, a potente *pick-up* seguiu o destino. Enquanto o caseiro estava na direção, Cid e Alicia mergulhavam-se em libido na cabine traseira. Os dois pareciam ter encontrado o que procuravam. Alguns diriam amor, outros, interesse; mas ninguém duvidaria de satisfação. Finalmente, Cid havia conquistado o que tanto procurava: uma importante vaidade diante dos outros garotos. O amor não pode enfraquecer nunca um fidalgo. Já para Alicia era a realização de um sonho conquistar o garoto mais importante da cidade. Era como um prêmio para ela e para a mãe, pois, numa cidade como Terra das Águas, é fundamental as garotas garantirem seus futuros.

Os dois continuaram se acariciando durante o trajeto. Ao toque de bocas, cabelos e pele. Sentindo o prazer alvorecendo enquanto o motorista, discretamente, olhava para a estrada.

A temperatura continuou subindo entre os dois:

__Aqui não, Cid!__amedrontou-se Alicia.

__Por quê?

__O caseiro pode ver.

__Ele não está nem aí. Já está acostumado.

__Mas eu sou muito nova para isso.

__Não tem problema. Eu faço com carinho.

__Não. Eu não quero.

__Por quê?

__Porque tem que ser especial. E até agora você não me disse que me ama.

__Você ainda duvida disso?

__Sim. Você ainda não me disse que estamos namorando.

__E você acha que estamos fazendo o quê!?

__Tudo bem. Mas você ainda não me apresentou para teus pais.

__Eles não precisam ficar sabendo.

Nesse instante, Alicia irritou-se, não era possível que ele estivesse pensando que aquilo era uma aventura:

__Como assim!? Eles precisam ficar sabendo, sim. Faço questão que eles saibam que estamos namorando.

__Tudo bem. Eles ficarão sabendo.__concordou, enquanto beijava os seios dela.

Para Alicia, os beijos já estavam tornando-se monótonos. Preferiu avistar a paisagem, enquanto Cid umedecia seu corpo.

Pensamento de Alicia:

Até que aquele garoto é bonito... mas o Cid é tudo o que as garotas de Terra das Águas sonham. Por isso, não vou perder a chance. Dizem que o amor aparece somente uma vez... e o grande amor da minha vida é o Cid. Infelizmente, não podemos ter tudo na vida... se, ao menos, o pai daquele garoto fosse um cantor de sucesso como o Zezé ou o Bruno, eu poderia pensar duas vezes antes de me entregar ao Cid. Mas não é... tenho, então, certeza de que o Cid é o grande amor da minha vida. Tenho certeza que serei feliz ao seu lado.

Tudo depende de mim. Até agora ele deve estar pensando que sou apenas um divertimento ou uma aventura... mas não sou.

Cid, quero ser tua mulher para a vida inteira.

A *pick-up* estava entrando na fazenda quando o coração e as esperanças de Alicia batiam sem pensar.

A vista da fazenda parecia ser bem agradável.

Pensamento de Alicia:

Meu Deus, nunca pensei que o Cid fosse tão rico assim. Tem que ser meu de qualquer jeito. Quantas cabeças de gado! Olha o casarão! Quanto peão trabalha para o senhor Matos!

Cid, você vai ser meu, mesmo que não queira.

Enquanto Alicia divertia-se em pensamentos, Cid, incomparavelmente vaidoso, gabava-se:

__É uma fazenda bonita, não é?__perguntou ele, um pouco cínico.

__Essa fazenda é maravilhosa!!!__não se conteve Alicia.

__Eu sei. Um dia isso tudo vai ser meu. E você ainda não viu nada.

Era inegável, Alicia estava perdidamente apaixonada. Não tinha dúvidas sobre si. Percebeu que poderia sentir por longos anos o que estava vivenciando.

Enquanto Alicia aceitava o sentimento, Cid gabava-se.

Pensamento de Cid:

Desde quando perco a garota mais bonita da cidade para aquele Zé Ruela, filho de cantorzinho de quinta... nem que a vaca tussa!!!

Ninguém poderia também dizer que Cid não sentia uma forte atração por Alicia:

__Me dê outro beijo.__pediu ele.

__Claro. Te dou quantos beijos quiser, meu amor.__suspirou ela.

Alicia parecia sentir-se plena e realizada. Mas, para tudo dar certo, tinha que se dar bem com o senhor e a senhora Matos, os únicos, até aquele dado momento, que poderiam desiludir seus sonhos de cinderela.

A *pick-up* parou atrás de outra *pick-up*, tão valiosa quanto. Alicia parecia estar participando de um conto de fadas. Não estava acostumada a tanto luxo. Somente avistava o belo e o perfeito, tudo o que o poder poderia conseguir estava diante de seus olhos. Estava tão fascinada com a ideia de namorar Cid que até esqueceu a conversa com os pais dele. Mas a televisão sabia ensinar muito bem uma garota a portar-se diante dos pais do namorado. Bastava dizer apenas que estava amando-o.

Os dois desceram da *pick-up* abraçadinhos. Já o caseiro, sem dar o ar da graça, foi tratar dos fazeres. Quando entraram na casa, Alicia pensou que estivesse num palacete nobre. Havia muitas esculturas de santos católicos. E a decoração rústica, de tratamento moderno, surpreendeu-a. Todos os móveis tinham a aparência de caríssimos. Sentiu que queria viver naquela casa pelo resto de sua vida. Estava certa de que a felicidade existia e que, para ela, uma adolescente bonita para poucos e linda para muitos, não seria difícil existir também.

Depois de perguntar para a cozinheira se o almoço já estava pronto, Cid acompanhou a recém-namorada até uma sala de vidro para mostrar-lhe o DVD com seus passeios de *jet-ski* na lagoa. Foi

mostrando um por um, apesar de ela pouco se interessar, queria apenas conhecer a casa:

__Cid, me mostra teu quarto.

__Hum... esse, com certeza, é o melhor lugar da casa.

Cid largou o vídeo ligado para acompanhar Alicia, que subia as escadas na frente. Enquanto subiam do primeiro até o terceiro andar, Cid devorava com as mãos as ancas da garota. Ela, por sua vez, não queria contrariar o namorado. Porém, firmou no pensamento que não o deixaria chegar nos finalmente sem antes ter certeza de que o relacionamento era sério e compromissado. Além disso, tinha que conhecer os pais dele. Somente assim teria certeza de que o namoro poderia transformar-se num pré-noivado.

Quanto a Cid, pensava somente em sentir os bocados da pele de Alicia. Pensava somente em sexo...

Quando Alicia avistou o quarto:

__Eu não acredito! Teu quarto é isso tudo?

__Pode crer, gatinha!

__Você dorme numa cama de casal!?

__Por que você não deita aqui comigo?__acenou, deitado, sem camisa na cama.

__Eu te amo, Cid!

Alicia pulou nele como quem pula para a felicidade. Cid, o tempo todo, procurava tirar-lhe a roupa, tentando desabotoar a calça ou o sutiã. Ela, porém, dizia que ainda não era o momento. Sempre quando Cid tirava-lhe uma peça do vestuário, ela, novamente, vestia-se. Apesar de florescer para a puberdade, já era bastante esperta, ouvia e seguia corretamente os conselhos de sua mãe: dificultar sempre. E como esse conselho era difícil de seguir, pois queria agradar o namorado de qualquer maneira para viver aquele sonho. Dizer ao mundo que era a nova namorada de Cid Matos era o desejo mais intenso naquele instante. Era a descoberta de que a boneca não tinha utilidade alguma. Era a descoberta de que o mundo oferece até o impossível para uma garota como ela... e isso a tornava especial.

A relação estava esquentando naquela cama de casal até que:

__Sinhozinho Cid, o almoço está pronto!__disse a cozinheira, ao entrar.

__Você não se toca, mesmo, não é sua doida!__raivou-se Cid.__Não está vendo que estou acompanhado? Bata na porta antes, pelo menos.

__Desculpe, sinhozinho.

__Pode ir, vamos depois.

Tão jovem e tão ditador. Cid não perdia tempo para insinuar à Alicia que ele mandava em quase tudo naquela fazenda.

Nesse meio-tempo, Cid tentou roubar a única coisa que Alicia poderia oferecer a um jovem poderoso. Mas, decidida, sabia como negar agradando, seus olhos de fascínio derretiam o coração dele:

__Eu quero. Vamos!__murmurou Cid.

__Não posso! Me deixe ao menos conhecer teus pais. Se estamos namorando, devemos fazer isso direito. Meus pais não me deixam namorar assim com qualquer um.

__Mas eu não sou qualquer um. Eu sou Cid Matos.

__Isso é verdade. Você não é qualquer um.

__Será que eles deixariam a filha namorar Cid Matos?__perguntou ele, beijando-a.

__Claro que sim!

__Então... deixe... vamos?

__Vamos esperar uma ocasião mais especial.__finalizou ela, ao levantar da cama.__Vamos almoçar, vamos.

Alicia tentou levantar Cid da cama:

__Vamos almoçar, vamos.

__Não. Eu quero ficar aqui com você.__insistiu ele, fingindo um leve choro.

Depois de muita insistência, Alicia conseguiu levantar Cid, puxando-o pelo braço e dedicando atenção e carinho. E em seus pensamentos havia apenas a preocupação do anúncio do namoro dos dois para os pais de Cid.

Antes de chegar à sala de jantar, Alicia pediu a atenção de Cid, olhando-o bem fundo nos olhos:

__Cid, eu quero saber algo sobre você, mas quero que diga com toda a sinceridade deste mundo. Quero sinceridade ao menos neste instante.

__Diga logo.

__Cid, você me ama?__perguntou ela, com um olhar transparecendo ternura.

O jovem Matos começou a sentir uma certa devoção. Tão jovem e já sabia prender o coração. Aquela dedicação inocente despertou uma atenção mais minuciosa. E, assim, pensou que, às vezes, poderia ser agradável ter uma garota como ela. Alicia poderia ser como ele dizia: a matriz. Parecia ser especial e também parecia gostar dele de verdade. Mas qual a diferença entre Alicia e tantas outras garotas que se interessaram por ele? O batidão carioca na *pick-up* dizia sempre: nenhuma. Seu pai não cansava de dizer que o amor é o início da decadência de um homem.

Logo, Cid já estava com a resposta pronta:

__Não.

__Não!?

__Não.

__E por quê!?

__Porque, Alicia, você precisa me conquistar a cada novo dia.

Não era fácil conquistar alguém como Cid. O poder sabe arranhar o coração de uma garota apaixonada. Assim como o coração de uma garota apaixonada sabe arranhar o poder. Da mesma forma que a concupiscência de uma garota tem poder, a concupiscência de um garoto também. O amor sobrevive assim... yin e yang... luz e escuridão... o homem, luz, e a mulher, escuridão... assim também manifestava-se o diagrama de Taiji, representado num quadro ao lado da senhora Matos. Esta disfarçava um contido choro ao chegar à fazenda.

Senhora Matos também se aproximou da mesa para a refeição. Estava tão desnorteada que não percebeu que havia sangue na orelha do filho.

__Mãe, você está chorando!?__preocupou-se Cid.

__Não.

__Lógico que está.

__Não estou.

__Foi meu pai de novo, não foi?

__Isso não vem ao caso agora._continuou senhora Matos, esboçando um sorriso.__Me apresente tua amiga, Cid.

Por um momento, Alicia percebeu o quanto todos na fazenda admiravam a senhora Matos. Notou como os empregados respeitavam-na com carinho. Constatou tudo isso ao ver a cozinheira trazendo-lhe um lenço para enxugar as lágrimas.

Em pouco tempo, ela recompôs-se:

__E então, Cid! Não vai me apresentar tua amiga?

__Mãe, quero te apresentar minha nova namorada.__orgulhou-se Cid.__O nome dela é Alicia.

__Muito prazer, Alicia.

__O prazer é todo meu, senhora Matos.

Depois de um certo silêncio, Alicia enrubesceu-se. E com uma ponta de coragem, disse:

__Como a senhora é bonita!

__Cid, a tua namorada está precisando de óculos.__brincou senhora Matos.__Que nada, menina! Você que é bonita.

O almoço aconteceu num ambiente bem amistoso. Senhora Matos não teve do que reclamar de Alicia, que passou o dia inteiro com o não do namorado na cabeça.

Nesse mesmo dia, Cid mostrou parte da fazenda para a namorada. Ambos andaram a cavalo. No passeio, Alicia olhava para o céu e para a terra. A terra parecia ser bem mais agradável. Não era ruim pensar em ser uma princesa do cerrado. Então, pensou que Cid tinha mesmo razão. Era evidente que não seria fácil conquistar o coração de um Matos.

Pensamento de Alicia:

Farei das tripas coração para sermos felizes para sempre. Te conquistarei a cada novo dia, pois estou te amando como nunca amei ninguém. Sinto que esse amor durará para sempre. Mas, por favor, seja comigo o que sou com você, pois já senti quase todos os teus sentidos, a tua saliva, o teu cheiro, a tua pele e o teu olhar. Meu sonho mais íntimo é compartilhar tudo o que está à nossa volta com você. Quero que a tua felicidade seja a minha e a minha felicidade seja a dos nossos filhos.

Antes, não sabia o que era o amor. Agora, eu sei. Porque te vejo de um jeito que não vejo os outros garotos da escola. Mesmo sendo distante, podendo ter a garota que desejar, preferiu a mim. Vou dar-

lhe razões de sobra para não se arrepender. Teu cheiro, diferente dos outros garotos, é a parte, enquanto meu amor é o todo.
Como o teu cheiro natural é diferente!

Depois de muito tempo passeando a cavalo, os dois pararam para descansar à sombra de uma árvore. Cid deitou-se com a cabeça sobre as pernas de Alicia que, sentada, alisava com carinho a ferida na orelha dele.

Um grande amor pode nascer assim, pequenos encontros que totalizam-se um. Somente um. E depender do outro para tudo. Qualquer pequena ou grande felicidade é realizada por ambos até perceberem que o sentimento é verdadeiro.

Nisso, Eric ainda estava pensando em flores, em bombons, em versos, em tirá-la para dançar, em jantar à luz de velas, em serenatas, em beijá-la na mão. Somente não pensou em anéis de diamante, porque nunca viu um e talvez nunca visse.

Repentinamente, os sonhos de conquistar Alicia das mãos de Cid quebraram-se quando apareceu o troncudo Noel:

__Acorda, Eric! Parece que a gravata do Cid enforcou teus pensamentos.

__Valeu, amigão! Você salvou a minha vida naquela hora. Eu pensei que iria morrer.

__Não foi nada. Eu já estava esperando a chance para surrá-lo.

A conversa continuou com os dois juntos descendo uma rua. Moravam próximos, quase vizinhos, e, naquele instante, quase amigos:

__E aí, o que a diretora falou?__perguntou Eric, preocupado.__Ela vai te expulsar?

__Claro que não. Quando disse que ele estava esvaziando o pneu do carro da professora e enforcando você, ela logo esclareceu as ideias. Ela conhece a prepotência daquele idiota.

__Ainda bem.

__Mas ela quer falar com você.

__E você acha que é sério?

__Claro que não. Ela conhece o naipe do figura. Somente irá te dizer o que disse para mim.

__O quê?